

# ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O REFERENCIAL FILOSÓFICO DE IMMANUEL KANT NA CONSTRUÇÃO DA EPISTEMOLOGIA GENÉTICA DE JEAN PIAGET

Some considerations on Immanuel Kant's philosophical reference on construction of genetic epistemology by Jean Piaget

Marco Aurélio Martins Rocha <sup>1</sup>

**Resumo:** O presente estudo aborda alguns aspectos relacionados ao contexto histórico e influências da filosofia de Immanuel Kant na gênese da obra de Jean Piaget. Considerado um dos grandes pensadores no que se refere à gênese do conhecimento, transportado para suas obras, teve grande influência filosófica de Immanuel Kant entre outros. O trabalho, em um primeiro momento, e considerando as limitações dessa pesquisa, tem por objetivo desvelar algumas bases da construção da epistemologia genética, após, a aplicação dos postulados da teoria do conhecimento de Kant e a partir daí, salientar a originalidade da criação de Jean Piaget, utilizando, para tanto, o método da revisão bibliográfica e o exame do contexto histórico.

Palavras-chave: Epistemologia genética. Referencial filosófico. Construtivismo.

**Abstract:** The present study approaches some aspects related to the historical context and influences of the philosophy of Immanuel Kant in the genesis of the work of Jean Piaget. Considered one of the great thinkers as far as the genesis of the knowledge, transported for its works, had great philosophical influence of Immanuel Kant among others. The work, at first, and considering the limitations of this research, aims to reveal some bases of the construction of genetic epistemology, after applying the postulates of Kant's theory of knowledge in it and from there, to emphasize the originality of the The creation of Jean Piaget, using both the method of bibliographical revision and the examination of the historical context.

Keywords: Genetic epistemology. Philosophical reference. Constructivism.

## Introdução

É unânime por parte dos estudiosos sobre Piaget, a existência de uma curiosidade científica já despertada em tenra idade, tanto que quase todos os estudos sobre sua vida abordam a questão de seu primeiro trabalho científico, aos 10 ou 11 anos de idade. A formação em Biologia não estancou sua sede de conhecimentos, ao contrário, gerou condições de possibilidade para o aprofundamento em várias outras áreas do saber, como Filosofia e Psicologia, mormente no que diz respeito ao desenvolvimento do conhecimento nos seres humanos através da sua Epistemologia Genética.

O conhecimento não é inato e se objetiva através das influências que sofremos durante toda a vida. Nesse contexto, também é sabido o fato de que Jean Piaget, desde criança, teve acesso a inúmeros pensadores, tais como Immanuel Kant, Henri Bergson, Hebert Spencer, ao positivismo de Augusto Comte, além de Emile Durkeim, entre outros. Todo esse referencial teórico, aliado à prática que obteve, desde catalogador de museus, até representante de organismo internacional na área da educação, influenciaram toda sua obra.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Graduado em História. Especialista em Gestão e Tutoria em EaD. Especialista em Metodologia do Ensino de Sociologia e Filosofia. E-mail: martin.rocha@globo.com

---

Obviamente, desvelar o referencial filosófico na obra de Piaget não é tarefa fácil, principalmente se considerada a extensão de seu trabalho, mas, em contrapartida, é nessa mesma obra que se encontram pistas sobre as influências da filosofia como base da epistemologia genética.

### O contexto histórico

Não é demais lembrar que a ciência, na época (final do século XIX), tinha profundos liames com o Positivismo<sup>2</sup>, no sentido de que o conhecimento só poderia ser alcançado mediante a observação e experimentação empíricas, havendo clara dominação do determinismo.

Por outro lado, considerando o próprio momento histórico, também a filosófica, tão somente não bastava para dimensionar a aquisição do conhecimento.

É a partir de tal situação que Piaget desdobra tais referenciais para criar um entendimento original a respeito da gênese do conhecimento. Como já dito alhures, não poderia escapar do referencial filosófico<sup>3</sup> na criação de tal entendimento, sobretudo, frente às fortes influências de Immanuel Kant e Henri Bergson.

De Kant, evidencia-se a utilização do conceito e *a priori*. Esse filósofo, conforme refere Palangana (2001, p. 33):

[...] critica os idealistas afirmando que não se pode passar diretamente da atividade do 'eu' (intuições) à essência das coisas e critica os empiristas porque acredita que, igualmente, não se pode concluir, a partir da precariedade da experiência sensível, a impossibilidade do conhecimento universal e necessário. É, pois, a atividade do 'eu', do sujeito formal *a priori*, somada às instituições empíricas que possibilita a construção do fenômeno. A conjugação de ambas perspectivas – razão e experiência – é a grande síntese que Kant faz, validando a ciência e negando a metafísica.

### O *a priori* em Kant

O que seria esse *a priori* mencionado por Kant e largamente utilizado na epistemologia de Piaget? Segundo Kant, “[...] consideramos, portanto, conhecimento *a priori*, todo aquele que seja adquirido independentemente de qualquer experiência. A ele se opõem os empíricos, isto é, aqueles que só são *a posteriori*, quer dizer, por meio da experiência” (1971, p. 24).

---

<sup>2</sup> O grande expoente dessa escola foi Augusto Comte (1798-1857), segundo o qual seria necessário estender o método científico aos estudos dos fenômenos humanos. A partir de Augusto Comte se dá o mito da objetividade absoluta. O saber só se dá através da experimentação, por meio do qual a natureza é levada a se manifestar.

<sup>3</sup> Dias Palos expõe o fundamento para a procura do conhecimento em bases filosóficas, com relação ao direito, mas se aplica a todos os ramos do conhecimento. Diz ele: *Por mucho que se tratem de deslindarse la disciplina jurídica y la filosófica, hay materias [...] en que el derecho en general debe recurrir a la fundamentación filosófica de la misma, si no quieram moverse em el vacío o extraer luego, para sus propios fines, consecuencias em un todo acomodáticas y neutras* (PALOS, Fernando Dias. *Teoria general de la imputabilidad*, 1965, p. 47).

---

A necessidade e a precisa universalidade são caracteres evidentes de um conhecimento *a priori*, e estão indissoluvelmente unidos. Mas, como na prática é mais fácil mostrar a limitação empírica de um conhecimento do que a contingência nos juízos, e como também é mais evidente a universalidade ilimitada do que a necessidade absoluta, convém servir-se separadamente desses dois critérios, pois cada um é por si infalível. Ora, é fácil demonstrar que no conhecimento humano existem realmente juízos de um valor necessário, e na mais rigorosa significação universal; por conseguinte, juízos puros *a priori*. Se se quer saber um exemplo da própria ciência, basta reparar em todas as proposições da Matemática. Se se quer um outro tomado do bom senso, pode bastar a proposição de que cada mudança tem uma causa (KANT, 1971, p. 26).

Obviamente, se a formulação de conceitos baseia-se na experiência e esta, por sua vez, se dá através da captação de dados empíricos, não haveria possibilidade de se formular um conceito além da experiência possível através dos sentidos<sup>4</sup>.

Frente a tal entendimento, portanto, como ocorre no processo de conhecimento, já que, em tese, seria inconcebível que a intuição (na visão transcendental de Kant), sendo também uma representação da realidade, possa existir de forma *a priori*?

É o próprio Kant (1984, p. 26) quem refere:

É, pois, de uma única maneira possível que minha intuição precede a realidade do objeto e se produza como conhecimento *a priori*, quando ela nada mais contém do que a forma da sensibilidade que antecede, em seu sujeito, todas as impressões reais pelas quais os objetos se afetam. Com efeito, possa saber *a priori* que os objetos dos sentidos podem ser intuídos segundo esta forma de sensibilidade. Segue-se daí que proposições que se referem apenas a esta forma de intuição sensível serão possíveis e válidas por objetos dos sentidos, e inversamente, que intuições possíveis *a priori*, não podem referir-se jamais a outras coisas que não objetos de nossos sentidos.

São as condições de tempo e espaço que geram condições para o juízo *a priori*, isto porque constituem requisito necessário e universal da percepção, são anteriores à experiência e criam condições de possibilidade para a experiência.

Conforme Palangana (2001, p. 36):

Quando se ignora todas as intuições empíricas, calcadas no mundo físico, e suas transformações, o que resta são as categorias de tempo e espaço: duas categorias consideradas fonte das intuições puras e, portanto, fundamento de todas as intuições empíricas, por constituírem-se em simples formas de sensibilidade que antecedem a aparição real dos objetos, tornando-a possível de fato. As intuições puras, *a priori*, não se referem nunca ao conteúdo ou matéria do fenômeno, antes sim, à forma do mesmo, espaço e tempo.

Importante notar que para Kant, o conhecimento, de certo modo, em matiz transcendental postula o primado do sujeito sobre o objeto, defendendo a relação intrínseca entre ser conhecedor e ser conhecido, assim que essa relação se dá pela percepção e razão pura. Para Kant, a gênese do conhecimento se dá pelo apriorismo.

---

<sup>4</sup> Nesse mesmo sentido, já dizia Bruno (2007, p. 32), no diálogo intitulado *Del'infinito, universo e mondi*, sob o argumento de que é impossível para o pensamento por um limite no universo, sem ao mesmo tempo, por um além-limite. Segundo ele, “não existe sentido que veja o infinito, nem sentido a que se possa valer essa conclusão, porque o infinito não pode ser objeto dos sentidos; por isso, quem procurar conhecê-lo por essa via, é como quem quisesse ver com os olhos a substância e a essência, e quem a negasse por não ser sensível, ou visível, viria a negar a própria substância do ser”

---

## O *a priori* em Piaget

Transpondo esses referenciais à epistemologia genética de Piaget, constata-se que essa relação [sujeito + objeto] se dá, por excelência, pela atividade e ação do sujeito sobre o objeto.

Piaget considera, assim como Kant, a existência de condições próprias do sujeito cognoscente, todavia, essas condições, não seriam transcendentais como é a intuição, mas referenciadas exatamente pelo aspecto biológico do ser humano, conforme explica Palangana (2001, p. 39):

O entendimento que Piaget tem dessa mesma questão guarda estreitas semelhanças com o raciocínio de Kant. Apesar de Piaget enfatizar constantemente, em sua teoria, o importante papel desempenhado pela interação entre o sujeito e o objeto na construção do conhecimento, é sabido que ele admite a existência de estratégias (condições) inatas – próprias do sujeito – por meio das quais tem início o processo de interação e consequentemente o desenvolvimento da estrutura cognitiva.

O próprio Piaget (1978, p. 62) desvela a questão quando afirma: “Parece geneticamente evidente que toda a construção elaborada pelo sujeito supõe condições internas prévias, e nesse sentido, Kant tinha razão”.

Em Piaget, e com base na Biologia, assim como os organismos vivos podem agrupar-se geneticamente a um novo meio, existe também uma relação evolutiva entre o sujeito e seu meio.

Vê-se, então, que diferentemente de Kant, mas tendo a mesma base teórica, Piaget, biólogo e psicólogo, afasta-se das epistemologias clássicas (empirismo e racionalismo) para, como já dito alhures, criar um entendimento original, próprio da gênese do conhecimento. Para Kant, o conhecimento seria atribuído à reflexão, ao passo que em Piaget, o conhecimento se dá devido à ação.

Com efeito, o conhecimento não pode ser concebido como estático (tempo) tampouco como imutável (espaço). Está, sim, na contingência de desenvolver-se gradualmente, como os traços físicos e morfológicos do ser humano<sup>5</sup>.

Diz Piaget (1972, s.p.):

A mais bela das adaptações ao meio que a vida tenha resultado, é, de fato, a adaptação do conhecimento à realidade e a mais surpreendente das evoluções, fonte de novidades e de estruturas sempre mais ricas, foi a evolução da inteligência que, a partir dos seus começos, promissores embora modestos, nos animais superiores, se afirmou de conquista no decurso da história humana. [...]. Um primeiro resultado geral se impôs e se impõe, sempre com maior força: é o papel ativo e construtivo do sujeito pensante o ato do conhecimento, do sujeito pensante com relação a simples aquisição, do simples requisito das propriedades do objeto. Em outras palavras, como Kant bem vira, todo conhecimento resulta de uma síntese que depende das estruturas próprias do sujeito, mas nós acreditamos que essas estruturas próprias do sujeito, em lugar de serem dadas anteriormente, se constroem pouco a pouco, que aliás, reforça a parte das atividades do sujeito<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Esse entendimento por parte de Piaget não é gratuito, porquanto, considerando a época dos estudos, teve evidentemente, contato com a Teoria da Evolução de Darwin (segunda metade do século XIX) e com a obra *Evolução Criadora* de Bergson, que permitiu o *insight* a respeito de uma teoria biológica do conhecimento.

<sup>6</sup> Parte do discurso de Piaget ao receber o prêmio Erasmo, na Holanda, em 1972, publicado na revista *L'Education*, nº 150/janeiro de 1973.

---

Essa diferenciação entre o *a priori* de Kant e a existência de condições internas prévias, que dão condições de possibilidade ao conhecimento, vem explicitada no comentário de Freitag (1985, p. 21), quando afirma:

Como Kant, Piaget rejeita o empirismo ingênuo, que acredita num contato não mediatizado entre o sujeito e o real, e admite, como Kant, que o conhecimento se dá a partir de um *a priori*, que ordena a experiência, mas não pertence ao campo da experiência. No entanto, esse *a priori* não é mais um invariante antropológico, presente desde o início, e sim o produto de uma construção. O “esquematismo” da razão pura é substituído pelos “esquemas” psicogenéticos, adquiridos no curso de uma história individual, através da interiorização das ações, em níveis cada vez mais complexos e abstratos.

Essas condições internas prévias advêm da hereditariedade, no sentido de que estruturas biológicas são herdadas, dando possibilidade para o surgimento de estruturas mentais, assim que esse organismo biológico, em contato com o meio que o cerca, não tem outra alternativa senão amadurecer, o que dará azo a estruturas cognitivas, que, por sua vez, também vão amadurecer, possibilitando, uma e outra adaptação cada vez maior ao ambiente.

Em outras palavras, o organismo, para funcionar, precisa estar organizado e se adaptar ao meio. Com o pensamento não é diferente – é necessária uma condição biológica e processos de adaptação.

A essas estruturas cognitivas, Piaget denomina de esquemas que podem ser considerados, conforme Wadsworth e Rovai (2003, p. 3) como:

[...] estruturas mentais ou cognitivas, pelas quais os indivíduos intelectualmente se adaptam e organizam o meio. Assim sendo, os esquemas são tratados, não como objetos reais, mas como conjuntos de processos dentro do sistema nervoso. Os esquemas não são observáveis, são inferidos e, portanto, são constructos hipotéticos.

Destarte, é possível observar que o *a priori* mencionado por Kant, em Piaget refere-se ao aspecto biológico já existente até mesmo antes do nascimento da criança, que visa, precipuamente à adaptação, e essa adaptação só ocorrerá com as trocas permanentes que o organismo estabelece com o meio, ou seja, em um primeiro momento, por exemplo, a criança possui apenas algumas atividades reflexas (esquema – sugar para alimentar, entre elas), que em contato com o meio gerará estranhamento, perturbação, ou desequilíbrio, para após, com a superação desse desequilíbrio, ocorrer a adaptação e construção, por evidente, de novos esquemas, que em contato com novas realidades, serão perturbados novamente, para, da mesma forma, adaptar-se, dando azo a novos esquemas, advindos de novas combinações, e assim por diante.

Impende ressaltar que a organização funcional das estruturas mentais não é hereditária. O que é hereditário, como já se disse, são as condições biológicas que propiciam essa organização.

Logo, é possível concluir que em Piaget, a gênese do conhecimento se dá pelo construtivismo, porquanto é através da construção de novos esquemas que o conhecimento evolui de um nível básico, concreto, para esquemas de pensamento lógico-formal.

Sustenta Piaget (1972 apud FREITAS, 1996, p. 64), “O conhecimento não procede nem da experiência única dos objetos nem de uma programação inata pré-formada no sujeito, mas de construções sucessivas com elaborações constantes de estruturas novas”.

---

## Os processos de equilíbrio, assimilação e acomodação

Como vimos, dois são os processos invariantes, que segundo Piaget (1972), advém da própria estrutura biológica do indivíduo, isto é, a tendência inata à organização e à adaptação.

A partir desses dois fatores, o ser humano, através de trocas com o meio, através de um processo de interação com esse meio, não tem outra alternativa, senão adaptar-se, equilibrar-se, construindo, a partir daí novos esquemas (unidade básica do pensamento) e, por consequência, a inteligência (organização).

Pode ocorrer, não raras vezes, que essa equilíbrio e organização buscada pelo indivíduo, não ocorra de imediato, mas como a equilíbrio e organização são tendências inatas do ser humano, este buscará novas fórmulas para alcançá-las, isso se dá através dos processos de assimilação e acomodação.

Na assimilação, busca adequar a nova situação aos esquemas já existentes, modificando o objeto cognoscível dentro de seus padrões de pensamento.

Como o conhecimento se dá pela interação do sujeito com o objeto, essa modificação pretendida não se dá apenas em uma mão – há modificação na estrutura mental antiga, através da ação do sujeito sobre o objeto; ocorre a acomodação.

### Considerações finais

A partir de tais considerações, podemos inferir que através do referencial teórico trazido de Immanuel Kant, Piaget teve condições de romper com o positivismo em voga na época, e influenciar quase todos os ramos do conhecimento, desde a filosofia até a psicologia, para traçar um entendimento com bases científicas sobre a gênese do conhecimento, através da epistemologia genética.

Foi com base no entendimento de Kant, em que pese algumas diferenças conceituais, que Piaget, como epistemólogo, passou a observar a origem do conhecimento, não como uma situação pronta e acabada, mas como um processo de construção paulatina do indivíduo no meio que o circunda, procurou e conseguiu delimitar os princípios que tornam possíveis os juízos de valor em caracteres objetivos.

A transferência da Biologia do que se entende por adaptação e organização e a própria adaptação desse entendimento ao conceito de *a priori* de Kant, por si só já demonstra a importância do referencial filosófico empregado por Piaget e sua influência no estudo da epistemologia genética. Obviamente, não bastou sua obra na aplicação dos postulados do apriorismo kantiano, considerando que se observa em seu pensamento, como não poderia deixar de ser, influências de Henri Bergson, mormente com relação às questões do tempo; Darwin, quanto ao evolucionismo; a fenomenologia de Edmundo Husserl; o estruturalismo de Lévi-Strauss, Michel Foucault e Lacan, entre muitos outros pensadores, o que permite concluir, sem qualquer dúvida, tratar-se de um terreno fecundo para estudos posteriores.

### Referências

BRUNO, Giordano. **Acerca do infinito, do universo e dos mundos**. São Paulo: Madras Editora, 2007.

FREITAG, Bárbara. **Piaget: encontros e desencontros**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

---

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Vygotsky e Bakhtin. Psicologia e educação: um intertexto.** São Paulo: Ática, 1996.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura.** Trad. de J. Rodrigues de Mereje. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1971.

\_\_\_\_\_. **Prolegômenos.** São Paulo: Abril Cultural, v. 2, 1984.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância social.** 5. ed. São Paulo: Summus, 2001.

PALOS, Fernando Dias. **Teoria general de la imputabilidad.** Barcelona: Casa Editorial Bosch, 1965.

PIAGET, Jean. **A vida e o pensamento do ponto de vista da psicologia experimental e da epistemologia genética.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1972.

\_\_\_\_\_. **Psicologia da inteligência.** Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

\_\_\_\_\_. **O nascimento da inteligência na criança.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. **Epistemologia genética.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

WADSWORTH, Barry J; ROVAI, Esmeria. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget: fundamentos do construtivismo.** 5. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

---

Artigo recebido em 30/05/17. Aceito em 10/07/17.